

# > Escritas de Mulheres: uma investigação metodológica

> Women's writings: a methodological investigation

**por Marloren Lopes Miranda**

Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Bolsista PROCAD/CAPES, Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marloren.miranda@hotmail.com. ORCID 0000-0001-6875-9580.

## **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar resultados parciais da minha pesquisa acerca da pergunta sobre a natureza do texto filosófico. Parto do problema de o texto filosófico, recentemente, parecer estar restrito à produção acadêmica, obedecendo a uma certa padronização científica, e, com isso, de estar contemplando apenas de modo muito parcial problemas filosóficos em geral, se compreendermos esses como concernentes a uma diversidade e multiplicidade da vida humana, estando presentes em diversos contextos e a partir de diversos lugares de fala, não apenas do homem branco – em geral, o produtor de textos filosóficos acadêmicos. Assim, apresento também como esse problema foi tratado em sala de aula e em uma oficina de extensão.

**Palavras-chave:** Filosofia. Literatura. Texto. Escrita. Gênero.

## **Abstract**

The purpose of this article is to present partial outcomes from my research about the question on the nature of the philosophical text. I start from the problem about how the philosophical text, nowadays, seems to be restricted to the academic production, following certain scientific standardization. Because of this, the philosophic text is treating philosophic problems in general only in a partial way, if we comprehend the philosophical problems as belonging to the diversity and multiplicity of human life, being present in different contexts, from manifold speech places, not only the white male – in general, the producer of philosophical academic texts. Thus, I also present here an example of how this problem was treated in classroom and in an extension workshop.

**Keywords:** Philosophy. Literature. Text. Writing. Gender.

> Artigo recebido em 05.02.2020 e aceito em 27.04.2020

## 1. Introdução

Há diversos movimentos no país e no mundo que incentivam a leitura de textos escritos por mulheres, questionando, assim, o cânone atual, centrado, tradicionalmente, nas obras de autores homens. Um deles, o “Leia Mulheres”, tem sido bastante difundido no país, tendo seus encontros em mais de 40 cidades. O “Leia Mulheres” é um projeto baseado na iniciativa da escritora Joan Walsh, que promoveu a hashtag #ReadWomen2014, visando promover a leitura de textos de diversos gêneros escritos por mulheres. Desse modo, o “Leia Mulheres” destina-se à discussão, não acadêmica, desse tipo de textos, a fim de que essas obras sejam mais conhecidas do público em geral.

No âmbito nacional dos cursos e programas de pós-graduação em filosofia, alguns projetos já têm como objetivo a discussão de problemas de gênero na filosofia, do cânone e da autoria de textos filosóficos – também tradicionalmente de autoria masculina<sup>1</sup> –, e a criação do Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) “Filosofia e Gênero”, em 2016, é representativo dessa preocupação. Além disso, outras iniciativas no ambiente acadêmico têm como objetivo repensar o cânone filosófico, a partir da leitura e discussão de textos filosóficos escritos por mulheres, como o evento que se

---

<sup>1</sup> Talvez seja preciso uma melhor definição do termo “autoria masculina”, bem como de “autoria feminina”, utilizado mais adiante no texto, como envolvendo uma certa temática específica referente a cada perspectiva, bem como um certo tipo ou uso da linguagem, entre outras características. No entanto, neste texto, não vou me deter a essa delimitação conceitual, que precisaria de uma maior atenção, para além do espaço disponível. Quero, portanto, me referir aqui com “autoria”, seja ela masculina ou feminina, apenas àquele que escreve o texto, seja um homem ou uma mulher, sem também problematizar essas noções. Isso também ocorre com outros termos ao longo do texto, como “escrita de mulheres”, “mulheres escritoras” e semelhantes.

realizou em junho de 2017, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “I Encontro Vozes Femininas na Filosofia”, o qual gerou o livro, publicado em 2018, *Vozes Femininas na Filosofia*<sup>2</sup>, e também da I Conferência Internacional Women in Modern Philosophy, ocorrida em junho de 2019, no Rio de Janeiro.

Esse deslocamento de leitura de textos de diversas áreas para a autoria de mulheres tem como objetivo, entre outros fatores, a preocupação em romper com o silenciamento e apagamento históricos da produção de textos (científicos ou não) por mulheres, de modo que elas possam se compreender também como sujeitos da história, da produção científica e artística, e assim por diante, algo que parece pertencer exclusivamente ao âmbito masculino, e que possam se compreender a partir de outras determinações para além daquelas que, historicamente, foram dadas a elas, como os papéis de esposa e de mãe. Em outras palavras, esse deslocamento da leitura e da escuta em direção à fala feminina pretende ampliar o horizonte de possibilidades das mulheres enquanto seres humanos, reconhecendo-as como sujeitos de múltiplas determinações, capazes de se autodeterminarem e de determinarem o mundo ao longo da história.

Nesse contexto, no Estado de Goiás, o projeto “Escutas Feministas”, criado em 2017, visa a ser uma iniciativa interinstitucional de pesquisa interdisciplinar e extensão em interseccionalidades na área das humanidades. O objetivo do projeto é, essencialmente, ampliar o espaço de escutas das vozes femininas dentro e fora do ambiente acadêmico, visando compreender melhor problemas e sintomas provenientes das profissões deste meio. O projeto, inicialmente, previa

---

<sup>2</sup> Ana Rieger Schmidt, Gisele Dalva Secco e Inara Zanuzzi (Orgs.). *Vozes Femininas na Filosofia*, 2018.

um desdobramento de questões relativas ao gênero, em particular, da mulher, em suas atividades acadêmicas e profissionais, e em outras atividades; atualmente, o projeto visa a expansão desses desdobramentos, realizando “escutas” externas à universidade, registrando questões de mulheres em geral, a fim de que os estudos do projeto levem em consideração suas vivências, e também que se possa oferecer um espaço para que se possa falar das mesmas.

A partir dessa perspectiva, nosso projeto<sup>3</sup>, a saber, o de propor uma crítica ao texto filosófico enquanto gênero textual específico, como falaremos mais abaixo, coloca-se aqui. Nossa proposta mais geral é a de, com base nessas outras ações citadas acima, ler textos literários selecionados, de gêneros diversos e de autoria feminina, e identificar neles possibilidades de escrita e de fala de mulheres enquanto sujeitos de suas próprias histórias e, através da discussão acerca desses textos, de uma história em comum, promovida pela escuta. Através desse debate, nosso propósito mais específico é, no âmbito filosófico, questionar as fronteiras do texto filosófico, enquanto um gênero específico (em geral, restrito à produção acadêmica), perguntando-nos sobre a possibilidade de a escrita filosófica – podendo ser produzida a partir de perspectivas diferentes,

---

<sup>3</sup> Chamo aqui de “nosso” projeto, no plural, precisamente porque não teria conseguido realizar nenhuma parte dessa pesquisa sozinha, ainda que o texto presente seja de minha autoria. Nesse sentido, aproveito para agradecer a colaboração na realização do presente projeto, bem como as contribuições práticas e teóricas, das integrantes do Escutas Feministas, em especial, da Carmelita Brito, da Lisandra Moura, da Adriana Delbó, da Kamilly Barros, da Iarle Ferreira, e também das conversas e críticas extremamente frutíferas da Janyne Sattler, esta última a quem devo uma das principais perguntas deste trabalho e de minhas pesquisas: o que fazemos quando fazemos filosofia, ou melhor, afinal, o que é filosofia? A todas, minha gratidão. – No que concerne ao relato e reflexão acerca dos resultados da pesquisa, mantenho, no presente trabalho, a primeira pessoa do singular, considerando que, evidentemente, não teria chegado a nenhuma conclusão sozinha, mas exponho aqui essas ideias apenas do meu ponto de vista.

como as de gênero, classe, e raça, e de áreas diferentes do saber, como a literatura –, não estar restrita a apenas um modo de escrita.

Esse projeto, o qual considero ainda inacabado (tanto com relação aos seus resultados teóricos, quanto aos seus propósitos práticos), foi realizado no ano de 2019 em duas frentes: uma primeira, através da realização de uma oficina de extensão, que aconteceu na Vila Cultural Cora Coralina, no Centro de Goiânia (fora do ambiente acadêmico, portanto), um sábado por mês, de agosto a dezembro de 2019, chamado “Escritas de Mulheres: na Fronteira entre a Filosofia e a Literatura” – na qual a grande maioria dos inscritos e participantes foram mulheres. Uma segunda frente foi realizada através de um módulo em uma disciplina na graduação oferecida pela Faculdade de Filosofia da UFG a cursos de outras áreas, com duração de quatro aulas expositivas e uma avaliação – na qual o número entre homens e mulheres mantinha um certo equilíbrio. O projeto visa também, durante as oficinas de extensão, à produção de pequenos textos, a partir das leituras e discussões das obras escolhidas. Esse artigo é uma apresentação geral dos resultados dessas duas experiências, no que concerne à sua investigação teórica.

Para este momento da pesquisa, no âmbito da oficina de extensão, as leituras principais escolhidas e suas respectivas (breves) justificativas foram: *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*, de Mary Shelley, por sua escrita diversificada, contendo tanto a escrita epistolar quanto a narrativa em primeira pessoa; *A obscena senhora D*, de Hilda Hilst, como uma possibilidade de aplicação do conceito de “escrita feminina”, cunhado por pensadoras feministas da década

de 70, como Helene Cixous, Lucy Irigaray e Julia Kristeva<sup>4</sup>; *A Guerra não tem Rosto de Mulher*, de Svetlana Aleksievich, a partir da sua seleção de relatos de vivências de mulheres russas que foram à guerra – essencialmente, sendo um texto não fictício, embora possamos questionar os significados de “ficção”<sup>5</sup>; *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, especialmente pela criação da autora do conceito de “escrevivência” como uma escrita que fala sobre a experiência da coletividade negra, em particular, das mulheres negras; e, por fim, *Querem Nos Calar – Poemas para Serem Lidos em Voz Alta*, organizado por Mel Duarte, é uma coletânea de poesia *slam*: algo bastante recente, surgido por volta dos anos 80 nos Estados Unidos, que é basicamente uma poesia falada, uma performance poética, nas ruas, em geral, em competições.<sup>6</sup>

No âmbito da sala de aula, algumas dessas leituras foram integradas, como *A Obscena Senhora D*, da Hilda Hilst, e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, da Conceição Evaristo, pelos mesmos motivos acima citados. Todavia, também foram incluídas as seguintes obras, também com suas breves justificativas: *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf, que, através de um ensaio fictício, pretende pensar a relação “mulher e ficção”, especialmente o lugar da mulher no cânone; *A Paixão Segundo G. H.* e *Água Viva*, de Clarice Lispector, como autora brasileira representativa da “escrita feminina”; e *Olhos D’Água*, de Conceição Evaristo. Além disso, durante a aula sobre “escrevivência”, também foram trabalhados

---

<sup>4</sup> E este é um diálogo que devo, em especial, a Silvia Saes.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, a definição de ficção em: Jacques Rancière, *A Partilha do Sensível: Estética e Política*, 2009. *Grosso modo*, “ficção” pode ser não apenas uma oposição à “realidade” ou à “verdade” (tendo o sentido de ser algo “falso”), mas uma maneira de “elaborar estruturas inteligíveis” (p. 53), isto é, de elaborar uma significação a respeito de coisas, eventos, relações, e assim por diante.

<sup>6</sup> Está previsto ainda um maior desenvolvimento do trabalho a partir dessas obras (bem como as citadas a seguir), dedicando estudos mais detalhados a respeito delas.

alguns poemas de Cristiane Sobral, do livro *Não Vou Mais Lavar os Pratos*, e o poema *Coisa de Preto*, de Cristal Rocha, do livro *Querem Nos Calar*, acima referido. Todas essas obras, nos dois âmbitos, foram trabalhadas à luz de uma bibliografia de apoio diversa.

No que concerne à realização da oficina “Escrita de Mulheres”, esse projeto, vale ressaltar, é uma reelaboração um pouco mais precisa de um outro curso de extensão que ministrei quando eu estava no doutorado em filosofia da UFRGS, junto com duas colegas, também do doutorado, Laiza Rodrigues e Thairani Wagner. Naquela época, estávamos um pouco mais interessadas em estabelecer minimamente algumas relações entre filosofia e literatura, em especial, da literatura de autoria feminina, bem como difundir esse tipo de leitura, colocando em questão o cânone literário e filosófico, no modelo de um clube de livros, espelhando-nos em projetos como cineclubes e clubes de livros. Então, lia-se o livro previamente e discutíamos alguns temas que a obra suscitasse, da perspectiva filosófica. Isso ainda se mantém, de certo modo, no projeto presente, com algumas alterações, de modo que meu objeto de interesse mais direto aqui não é apenas a relação entre filosofia e literatura, nem apenas a autoria feminina, mas colocar em questão o estatuto de um texto filosófico.

A questão mais fundamental que está por detrás dessa reformulação do projeto é, então, perguntar pelos limites do texto de filosofia, em especial, da perspectiva acadêmica. A meu ver, o texto filosófico é, hoje em dia, quase exclusivamente restrito ao modelo de escrita acadêmico, isto é, que pretende uma cientificidade, garantida pelo rigor da exposição de conceitos, e apresentado, em geral, em artigos, dissertações e teses acadêmicas. Meu objetivo

não é destituir a validade, por assim dizer, desse tipo de texto específico, mas tentar ampliar a visão do que é um texto filosófico, da sua forma e de seu conteúdo, não apenas resgatando a história da filosofia ocidental (que, como veremos, é repleta de textos “não acadêmicos”), mas também olhando para novos modos de escritas. Para isso, busco relações entre “textos filosóficos” e “textos literários” (denominados assim aqui com a ressalva de que talvez não haja tal classificação, ou de que ela é, no mínimo, problemática), mas especialmente no que tange a textos de autoria feminina, por serem, a meu ver, indicações de novos modos de colocação de problemas (estes, tradicionais ou completamente novos, em relação à história do pensamento ocidental, como por exemplo, o que e quem somos, se somos livres, o que é ser mulher, o que é ser mãe, etc.). Assim, a ideia fundamental não é apresentar literatura como exemplos de teorias filosóficas ou como esclarecimentos às mesmas, como algo subalterno, ou ainda de apresentar autores do cânone filosófico através de obras literárias, mas de apresentar textos literários como também proponentes de problemas e conceitos, ainda que de modo peculiar, mas em relação direta com a filosofia. Em certa medida, o projeto que apresento também visa a se perguntar, como o nome que recebeu em Goiânia, acerca da fronteira entre filosofia e literatura, se é que ela existe. Em outras palavras, a ideia também é questionar o que, afinal, é filosofia.

## **2. Um pouco de teoria**

Ao longo da história da filosofia, podemos observar a presença de diversos tipos de textos, tais como o diálogo (como os de Platão), o relato autobiográfico (como as Confissões, de Agostinho), os aforismos (como em Nietzsche e



Wittgenstein), e assim por diante. Desse modo, percebe-se que o estilo filosófico nem sempre apresenta uma fronteira muito nítida com relação a outros textos, como com a literatura – há alguma dificuldade de alguns intérpretes em definirem o texto nietzschiano, por exemplo, precisamente por isso; alguns intérpretes indicam em diversos textos filosóficos, como os de Kierkegaard ou de Heidegger, não apenas elementos “lógicos”, relacionados estritamente à racionalidade, mas também “páticos”, isto é, elementos relacionados às emoções, não restritos apenas à razão, supondo que haja tal divisão (como Julio Cabrera, em *O Cinema Pensa*)<sup>7</sup>; assim como alguns teóricos têm alguma dificuldade em definir o texto de Dostoiévski ou o de Kafka como estritamente literário, o que quer que isso possa significar, já que a própria definição de literatura é problemática. É só em época mais recente que o texto filosófico tem sido mais limitado ao formato acadêmico, e, embora não haja uma regra fixa, é preciso que esses textos expressem resultados de pesquisas, como em artigos de revistas científicas, ou articulações de teorias, por exemplo, em dissertações, ou ainda novas teorias, como as teses. De todo modo, esses textos, de maneira geral, precisam apresentar uma preocupação com o rigor dos conceitos, com a clareza e com a objetividade, obedecendo a um padrão dito científico. Assim, outros tipos de textos são deixados de lado, sem maiores problematizações, dando preferência à uma uniformidade da escrita, dentro do âmbito acadêmico, não apenas no que concerne à produção, mas também relativos a fontes de pesquisa

---

<sup>7</sup> Essa divisão entre razão e emoção é questionável; é possível pensar, como se pode fazer a partir de uma perspectiva da leitura da filosofia de Hegel, que não haja uma divisão fundamental entre ambas, mas uma unidade, e que a emoção ou a afetividade tenha sua própria racionalidade, inseparada, mas distinta, da inteligibilidade, ou da razão propriamente dita. Mas isso é outra discussão. Para outras perspectivas acerca desse problema, ver, por exemplo: Vladimir Safatle, *O Circuito dos Afetos: Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo*, 2016. Ver também: Filipe Campello, “Axel Honneth e a virada afetiva na teoria crítica”, 2017, p. 104-126.

e referências bibliográficas (excetuando-se, talvez, textos de bibliografia primárias, como os citados logo acima).

No entanto, se consideramos a filosofia como uma atividade humana não restrita à atividade acadêmica, visto que seus questionamentos e conceitos estão presentes no dia-a-dia de todos os seres humanos, ainda que, para alguns, não necessariamente de modo sistematizado (como talvez deva ser para aqueles que fazem filosofia de modo acadêmico), então precisamos nos perguntar também sobre a natureza dos textos filosóficos. É preciso questionar a padronização daquilo que se entende por um texto filosófico, ou ainda, questionar o porquê de o critério para identificação de um texto filosófico, produzido hoje, seja dado unicamente pelo fato de se encaixar ou não na padronização da produção acadêmica. Se a vida humana é composta por múltiplas perspectivas, por múltiplas experiências, e, com isso, por múltiplos sujeitos, e se a atividade filosófica é uma atividade da vida humana, então o modo pelo qual as discussões filosóficas são apresentadas parece não poder estar restrito a um único padrão, nem mesmo poder ser padronizado sem que haja uma perda considerável na proposta da discussão. É preciso que haja a possibilidade de textos e de problemas filosóficos serem expressos de muito modos, de acordo com a natureza da discussão em questão, e considerar o sujeito que propõe a discussão, ou com o que hoje se denomina de “lugar de fala”, isto é, *em linhas gerais*, uma fala produzida a partir de uma localização social<sup>8</sup>. Em outras palavras, a

---

<sup>8</sup> Cf. Djamila Ribeiro, *Lugar de fala*, 2019, p. 85. De modo bastante resumido, o lugar de fala é relativo a essa localização social, no sentido de considerar não apenas quem enuncia algo, mas a partir de qual contexto o faz, como qual o gênero, a raça, a classe, o grau de escolaridade, a idade, e assim por diante, isto é, a partir de qual experiência coletiva um indivíduo se pronuncia. Considerar diferentes lugares de fala é considerar diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto ou conceito, e não restringir o modo pelo qual se considera algo a partir de uma visão unilateral,

“objetividade” proposta pelo texto acadêmico, em geral, impessoal e, em muitas vezes, restrito ao esforço apenas intelectual de falar sobre temas filosóficos, parece limitado, quando percebemos que a realidade desses temas filosóficos, quaisquer que sejam, envolvem muitos outros elementos do que a pura racionalidade.

Conforme Rita Schmidt argumenta, “a modernidade nasce da e com a preocupação com a identidade, tanto assim é que seu paradigma emerge a partir da conceptualização do indivíduo como centro de uma reinterpretação fundadora da autoria de si e do mundo”<sup>9</sup>. Entretanto, ainda segundo a autora,

como foi assinalado com propriedade pelos pensadores da Escola de Frankfurt, a modernidade engendrou um edifício cultural através de estratégias de exclusão/dominação e, nesse sentido, fomentou a construção e manutenção de sistemas elitistas de distribuição de poder, inclusive o poder da representação e da interpretação<sup>10</sup>.

Um exemplo disso pode ser visto no cânone de textos filosóficos, o qual, tradicionalmente, apaga e silencia a autoria de mulheres e as discussões propostas por elas. O cânone filosófico é essencialmente composto por textos de autoria masculina, e esse cânone é repetido e reiterado; desse modo, é-se

---

produzida unicamente a partir de indivíduos localizados numa posição de poder em relação aos outros, na qual uns falam e os outros calam (ou são calados, mais precisamente). Essa perspectiva unilateral é prejudicial especialmente porque reitera apenas um certo tipo de saber, interessante para o grupo dominante por diversos motivos, enquanto nega outros tipos de saberes, produzidos por outros sujeitos. Sobre isso, ver por exemplo: Patricia Hill Collins, *Pensamento Feminista Negro*, 2019; e também: Donna Haraway, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, 1995, p. 07-41.

<sup>9</sup> Rita Terezinha Schmidt, “Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar?”, 1998, p. 183-184.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 183-184.

perfeitamente capaz de se sair de um curso de filosofia sem nunca ter contato com um texto de autoria feminina, e sequer questionar a ausência dos mesmos. Se a vida humana é múltipla, compostas por diversas perspectivas e sujeitos, é pelo menos suspeito que um estudo sério simplesmente desconsidere outras perspectivas, como a das mulheres. Desse modo, o resgate de textos de autoria feminina, bem como sua divulgação e produção, oferece uma oportunidade de romper com essas estratégias, possibilitando que outros indivíduos possam também reinterpretar a si mesmo e o mundo, como é o caso das mulheres.

Todavia, como dito anteriormente, tem sido feito um esforço, ainda tímido (pois essencialmente feito apenas por algumas mulheres), por parte da academia, de resgatar a história e os textos dessas mulheres, através de eventos e de publicações. A nosso ver, esse resgate não precisa ficar restrito ao conteúdo dessas discussões, mas pode pensar também a respeito de sua forma, como já o fazem Martha Nussbaum e Cora Diamond, por exemplo, como aponta Janyne Sattler, que também pensa sobre esse problema.<sup>11</sup> Se os homens filósofos se expressam de diferentes modos, também as mulheres podem apresentar suas ideias em tipo de textos diferentes. É o caso, por exemplo, da obra *Cidade das Damas* (1405), da poetisa e filósofa italiana Christine de Pizan (1364-1430), que, segundo Ana Schmidt, “envolve uma narrativa alegórica”<sup>12</sup>.

Simone de Beauvoir, no texto chamado *Literatura e Metafísica*, propõe uma tentativa de elaboração de um gênero específico, um entre “a pura filosofia e a pura literatura”, entre a racionalidade da filosofia tradicional e a sensibilidade da

---

<sup>11</sup> Janyne Sattler, “Uma questão de forma: lições metodológicas com Martha, Cora e Christine”, 2018, p. 143-169.

<sup>12</sup> Ana Rieger Schmidt, “Christine de Pizan contra os Filósofos”, 2018, p. 15.

arte literária – a que ela parece chamar de *romance metafísico* ou *teatro das ideias*.<sup>13</sup> Segundo a autora, um texto desse tipo, “mesclado”, não só não faria a filosofia perder algo, como lhe daria algumas vantagens nas suas considerações. Segundo Beauvoir, a filosofia acaba, sim, perdendo algo na sua tentativa de, no rigor do pensamento, exprimir sua experiência *apenas de modo intelectual*: as emoções, a sensibilidade, a própria experiência singular – o que a literatura justamente resgata, ampliando essa expressão. Para a autora, o ganho da literatura é trazer experiências completas (e quanto mais completas, retratadas em sua complexidade, melhor a literatura), a ponto de nos fazer sentir *como uma experiência vivida*. A representação puramente intelectual da experiência, nos moldes filosóficos, embora traga alguns ganhos, como a capacidade de pensar de modo abstrato, cria, em certo sentido, um abismo entre o pensamento e a experiência mesma: em vez de refletirmos sobre ela, acabamos deixando-a de lado, como que engessando o pensamento, não considerando problemas filosóficos, em última análise, em toda a sua complexidade, mas apenas de modo parcial. É essa ideia que eu gostaria de manter presente aqui, embora talvez não esteja disposta – ou talvez não ainda – a comprar os termos “romance metafísico” ou “teatro das ideias”, pois não creio que precisemos de um único tipo de texto, ou uma única estrutura e linguagem para reunir pensamento puro e sensibilidade, o que iria de encontro à nossa hipótese da diversidade textual. Mas quero manter presente que talvez estejamos perdendo algo essencial à filosofia com essa “restrição” das formas do texto da filosofia: não apenas a sensibilidade em geral, mas a sensibilidade que diz respeito a modos específicos de experiências, àquelas que Djamila Ribeiro se refere como “lugar de fala”, por

---

<sup>13</sup> Simone de Beauvoir, “Literatura e Metafísica”, s/d, p. 80.

exemplo. E, por conta da pluralidade de experiências e dos modos de senti-las, talvez também os meios textuais pelos quais elas possam ser expressas podem variar.

No texto de Beauvoir acima mencionado, a autora chama atenção para o aspecto do texto que ela julga ser crucial para uma conexão interessante entre a literatura e a filosofia, a saber, uma tentativa de nos fazer sentir a ficção como uma experiência viva. No entanto, essa tentativa apenas ocorre quando há o esforço de considerar importante a *subjetividade*: o aspecto da singularidade concreta e histórica.<sup>14</sup> Nesse sentido, ela aponta, nem toda a filosofia é uma tentativa de expressão puramente intelectual (pretendendo, com isso, alcançar aspectos atemporais e objetivos em suas teorias, universalmente válidos em qualquer situação e para qualquer ser humano); alguns escritos, como a *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, e os *Diálogos*, de Platão (ainda que esse tenha suas críticas à poesia, ele mesmo, segundo Beauvoir, torna-se um poeta através de seus textos<sup>15</sup>), consideram necessários pensar os dramas de seus “personagens”, por assim dizer, no mundo concreto e histórico, em situações específicas localizadas espaço-temporalmente. Segundo a autora, “quanto mais vivamente um filósofo sublinha o papel e o valor da subjetividade, mais será levado a descrever a experiência metafísica [ou intelectual, podemos também dizer aqui] sob a sua forma singular e temporal”<sup>16</sup>. Isso significa dizer que é preciso atentar para o fato de que *a realidade nela mesma é complexa, multiforme e diversa*; e se quisermos falar sobre a realidade, então *essa fala precisa ser feita a*

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 89-91.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 89-91.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 90.

*partir da multiplicidade e da diversidade* – considerando diferentes perspectivas, de diferentes sujeitos singulares localizados temporalmente, historicamente, concretamente, ou ainda, se quisermos, de diferentes lugares de fala, como mencionei acima.

Nesse sentido, podemos questionar a busca dessa universalidade (*grosso modo*, algo que valha sempre para todos) de que se ocupa, em geral, a filosofia. Se a experiência é algo múltiplo, diverso, e se cada experiência vivida é uma, singular, localizada concreta e historicamente – embora possa ser compartilhada –, então talvez a busca por uma universalidade, por respostas (ou verdades, por assim dizer) que se aplicam em qualquer situação por qualquer indivíduo, seja uma busca, pelo menos, problemática. Talvez, a tarefa da filosofia resida mais em se perguntar sobre como nós podemos ter acesso a um pensamento crítico, como podemos desenvolver um pensamento que reflita sobre a realidade, que chegue mais próximo de situações reais, concretas, do que encontrar verdades universais, verdades que não precisem ser revistas e questionadas (o que me parece direcionar mais a um pensamento dogmático do que propriamente filosófico). Talvez esse pensamento, se deseja se aproximar da realidade, que é múltipla e diversa, precise necessariamente ser constituído a partir de perspectivas diversas, de considerações múltiplas: é preciso, então, aprender a pensar (como defende Cora Diamond<sup>17</sup>) de modo crítico, vendo as coisas a partir de novos pontos de vista. Como Janyne Sattler coloca, então, na esteira da proposta de Diamond, não se trataria de considerar a literatura como um

---

<sup>17</sup> Cora Diamond, “Anything but Argument?”, 1996, p. 291-308.

complemento à filosofia, “mas precisamente de outra empreitada metodológica”; isto é, é um convite a

novas metodologias filosóficas, que não necessariamente devam fazer apelo às obras de literatura e de ficção ou de poesia, mas que incorporem em si mesmas as qualidades que importam para uma compreensão da vida [...] como complexa e contextualizada<sup>18</sup>.

Mas, parece também razoável considerar que um pensamento crítico que considera diferentes perspectivas e que se constitui através dessa diferença, dessa diversidade, possa ser também expresso de diversos modos. Dito de outra maneira, um pensamento que tem como conteúdo a realidade, múltiplo e diverso, pode também se apresentar e ser apresentado de modo igualmente diverso e múltiplo. Desse jeito, não apenas o conteúdo de um pensamento crítico precisa comportar a diversidade e a multiplicidade, mas também a sua forma: é preciso poder dizer, escrever, falar, não apenas de diferentes pontos de vista, mas também de *modos* diferentes. Assim, se aceitamos o convite de Cora e de Janyne a novas metodologias filosóficas, também aceitamos o convite de uma filosofia escrita não apenas de um modo, mas que incorpora em si outros modos de escrita, outras formas de apresentação de problemas. Desse modo, talvez seja necessário borrar a fronteira entre filosofia e literatura, e, a partir disso, criar um modo de pensamento crítico novo, que inclua em si elementos intelectuais e sensíveis, a fim de comportar, ainda que minimamente, a complexidade da vida. Mas para isso, a pesquisa filosófica, em âmbito acadêmico, precisa se repensar,

---

<sup>18</sup> Janyne Sattler, *Op. Cit.*, 2018, p. 160-161.



precisa se questionar acerca de quais textos ela leva em consideração para responder suas perguntas, de com quem dialoga e como.

Nesse sentido, se levamos a sério a filosofia e a literatura como atividades humanas que procuram pensar sobre a vida, e essa como sendo múltipla e diversa, então essas atividades não podem estar restritas à autoria masculina (e branca, e europeia, etc.), mas pode e deve ser realizada, produzida e escrita a partir de diversos lugares de fala, como os das mulheres, das mulheres negras, das latino-americanas, das indígenas, das trans, etc. E, ainda, essas atividades não podem ser realizadas de um único modo, seguindo apenas *um* padrão: os textos escritos por lugares de fala diferentes devem poder ser escritos de modos diferentes, devem poder ter formas diferentes. Não se trata, portanto, de meramente incluir mulheres (ou outras minorias) no cânone, dentro de uma forma e de uma fórmula já determinada de escrita filosófica, mas de questionar o próprio cânone, a própria forma da escrita e do fazer filosófico. Em outras palavras, trata-se de questionar o que é essa filosofia determinada, pautada, estipulada, ao longo de séculos, predominantemente por homens. Trata-se de se perguntar qual é a natureza da filosofia mesma; de se perguntar acerca da estrutura sob a qual essa filosofia se constrói e se sustenta, e se ela corresponde à sua própria natureza – trata-se, em última instância, de se perguntar qual é a natureza da filosofia. Assim, levar para a sala de aula, para oficinas de extensão, para nossas referências bibliográficas, para nossas pesquisas, etc., textos não apenas escritos a partir de outros lugares de fala, mas também escritos de outros modos que não estritamente o acadêmico, faz-se necessário para colaborar com essa investigação – acerca da natureza da filosofia.

Então, considerando os pontos acima, é preciso tornar conhecidas outras formas de expressão, especialmente aquelas nas quais as mulheres possam se identificar também como leitoras, mas, sobretudo, como autoras, de si mesmas e do mundo, formas de expressão nas quais interesses, preocupações, problemas ou conceitos desses indivíduos também estejam pautados, não somente por um outro (pelo homem, pelo branco, pelo hétero, pelo europeu, etc.), mas a partir de si mesmos. É preciso também reconhecer essas outras formas como propiciando o debate e, mais ainda, como questionando aquilo que já tomávamos como verdade, como recolocando perguntas e problemas, e investigando novas respostas – respostas essas que talvez exijam o abandono daquelas supostas verdades, inclusive do que se entendia por filosofia ou por literatura.

### **3. Um pouco de prática**

A partir da perspectiva de que a realidade é diversa e múltipla, e de que um pensamento crítico precisa considerar essa diversidade e multiplicidade, tanto no seu conteúdo, quanto na sua forma, foi proposta, como dito acima, a leitura de diferentes textos de autoria feminina, tanto na oficina (que teve cinco encontros), quanto nas aulas da graduação (um módulo de cinco aulas em uma disciplina), em debate direto com a filosofia, apresentando problemas filosóficos tanto quanto um texto classificado como “filosófico”. No entanto, em ambos os contextos, a ênfase da investigação foi nos modos de escrita: ainda que temas da experiência de mulheres em geral aparecessem nos debates, por serem temas trazidos pelas autoras que refletiam na experiência de cada leitor e leitora, procurei focar nos aspectos textuais que, olhando para escritas de outros lugares

de fala não canônicos, pudessem aparecer ou ganhar novos contornos. Sobre esses novos contornos, estritamente concernentes aos modos de escrita diversos, pretendo desenvolver em outro lugar, em estudos ulteriores, a fim de não os tratar de modo apressado, dando, assim, a devida atenção a esse tópico.

O que gostaria de fazer nesta seção, brevemente, é pontuar algumas considerações sobre a receptividade das obras na oficina de extensão e no módulo da disciplina na graduação – ou seja, falar um pouco da minha experiência vivida, no desenvolvimento da pesquisa nessas duas frentes, não apenas da investigação no âmbito intelectual, para tentar ser minimamente coerente com a proposta de novas metodologias filosóficas, tomando emprestado o termo de Janyne Sattler. Creio que nossas práticas também nos ensinam coisas, se estivermos atentos a elas.

No âmbito do público que se inscreveu e compareceu na ação de extensão, houve uma participação intensa nos debates sobre a obra, mostrando-se um público bastante interessado nessas questões. Muitos já haviam pensado sobre a questão do gênero, da raça, etc., e as discussões foram muito ricas. Também suas produções escritas, um dos objetivos da oficina, refletiram os debates, tanto sobre os conteúdos das obras, quanto sobre as formas das mesmas. Também os homens presentes, ainda que tímidos no início – talvez ainda sem compreender que todos podem falar de problemas sociais, desde que atentem para de qual local social estão falando, como bem nos explica Djamilia Ribeiro em “Lugar de Fala” – foram bastante participativos e sensíveis à escuta dessa multiplicidade, dessa diversidade que apareceu pelas obras.

A situação foi um pouco distinta no âmbito universitário. Nas aulas, havia pequenas demonstrações de interesse, em geral, bastante tímidas, o que era talvez desencadeado pelo fato de que, para muitos, esse tema era uma completa novidade – muitos nunca tinham se perguntado sobre a baixíssima presença de mulheres no quadro de professores dos seus respectivos cursos, ou na universidade em geral, ou porque haviam poucas autoras nas bibliografias das disciplinas, ou ainda quantas mulheres já haviam lido, tanto autoras de filosofia quanto de literatura, no sentido mais comum desses termos. Dessa forma, o módulo ofertado da disciplina cumpriu o papel de pelo menos colocar essas questões, as quais certamente fazem parte do norte desta pesquisa.

No entanto, esse quase tímido interesse mostrou-se um desinteresse gritante quando o assunto se voltou para a leitura e discussão de obras de autoria negra, especialmente, sobre a noção de escrevivência, de Conceição Evaristo – e, desconcertantemente, também aquele público que se mostrava interessado na oficina de extensão se mostrou desse modo, não retornando em sua maioria para as oficinas correspondentes à autoria negra. Na disciplina, foi dedicada uma aula para a literatura afro-brasileira, e na oficina, dois encontros. No caso da disciplina, cerca de setenta por cento dos presentes em aula, na disciplina de graduação, não retornou do intervalo, quando passaríamos de considerações mais teóricas sobre literatura afro-brasileira para a leitura de trechos dos textos de Conceição Evaristo, bem como de alguns poemas de Cristiane Sobral e de Cristal Rocha – o que não havia acontecido nas outras aulas, com textos de autoria de mulheres brancas. Sobre esse episódio, detive-me mais precisamente em

outro lugar<sup>19</sup>, mas gostaria de chamar atenção aqui para a dificuldade de se discutir essas questões, ainda que elas atualmente se imponham, porque nem sempre há um público aberto a isso. Nesse sentido, fica claro que não basta que haja apenas bons argumentos sobre a necessidade do debate sobre gênero, sobre raça, sobre sexualidade, etc., e mesmo para o estatuto da filosofia (e da literatura), mas principalmente – e, creio, seja o mais difícil – é preciso que se esteja aberto à discussão da mesma, à leitura, à escuta de outras vozes, de outros lugares de fala, ou seja, que se esteja minimamente curioso a respeito disso, além de estar aberto a deixar nossas certezas de lado, pelo menos por um instante. Não basta que se compreenda esses argumentos de modo intelectual, que se apresente ótimas razões para de debate-las e, assim, que se entenda que elas sejam importantes, mas essas experiências mostraram que é preciso que elas nos *afetem*.<sup>20</sup> Parece ser necessário retornar, a partir disso, a uma ideia de Aristóteles: para que estejamos abertos a essa afecção, não é suficiente educar apenas o intelecto, mas também a sensibilidade<sup>21</sup>. Isso, então, aponta para os próximos rumos desta pesquisa: é preciso articular e definir melhor qual o papel dos afetos e da sensibilidade para a filosofia.

---

<sup>19</sup> Marloren Lopes Miranda, “A respeito da escrevivência de mulheres negras e a relevância de atos supostamente sutis – uma perspectiva branca”, 2019.

<sup>20</sup> Essa relação entre compreensão, afecção e convencimento precise ser melhor investigada. Mas a propósito disso, acredito que o que esteja envolvido nessa questão é o que Sattler chama de “levar a uma nova visão, por uma palavra, uma história, por uma imagem”, através de duas citações, uma de Martha Nussbaum, outra de um comentário sobre Wittgenstein: *fazer outra pessoa ver o que você vê*, talvez sequer em palavras, mas em sentimentos. Em certa medida, isso ocorreu na disciplina, quando os alunos se perguntaram onde estavam as mulheres na produção científica e artística, e por que as liam pouco, mas ainda faltou algo disso quando se tratava sobre a autoria de mulheres negras. Sobre esse “levar a uma nova visão”, ver: Janyne Sattler. “Uma questão de forma: lições metodológicas com Martha, Cora e Christine”, 2018, p. 161-162.

<sup>21</sup> Ver: Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1985.

Escutar, de fato, outras vozes – especialmente aquelas que sempre disseram serem insignificantes, irrelevantes, – significa, necessariamente, questionar a nossa própria voz, questionar o que dizemos, no que cremos, questionar o que é relevante, afinal, o que é necessário, o que está no centro e o porquê, e porque o que está na margem está lá. Não é uma atitude simples, nem fácil, porque, de certo modo, é todo um mundo que talvez precise ser abandonado, e, com ele, também uma compreensão de nós mesmos, de quem somos, ou do que éramos, e não creio ser tão simples assim nos defrontarmos conosco mesmos, especialmente na nossa finitude e falibilidade. Mas a disposição para isso, ainda que demore, ainda que o processo seja doloroso, faz-se absolutamente necessária, se o que se persegue aqui é de fato um pensamento crítico, é de fato pensar criticamente sobre a realidade, e é de fato se pensar a si mesmo.

#### **4. À guisa de conclusão?**

A investigação de muitos pontos dessa pesquisa, apenas mencionados, mas ainda não desenvolvidos satisfatoriamente, ainda se faz necessária. No entanto, um primeiro resultado que surge aqui é a compreensão de que a filosofia, se está mesmo comprometida com um pensamento crítico, com um pensamento sobre a realidade em toda a sua complexidade, não pode mais ignorar sua multiplicidade, não pode mais ignorar a realidade em toda a sua diversidade. Em outras palavras, é preciso que a filosofia não apenas repense seus conteúdos, mas também a sua própria forma, isto é, que a filosofia repense acerca daquilo “que inclui ou exclui como seu objeto investigativo ao priorizar

determinado arcabouço conceitual cuja repercussão é de fato a inclusão ou a exclusão moral, social e política de sujeitos bastante concreto”<sup>22</sup>. Uma filosofia que pretende ser realizada de um único modo e alcançar uma única verdade acima de qualquer suspeita, é, para dizer o mínimo, unilateral e dogmática, e não está comprometida com um pensamento crítico sobre a realidade. Pensar com seriedade um objeto múltiplo e diverso, como a realidade, requer diversas perspectivas, diferentes vozes e cores, e diferentes maneiras de alcançá-lo. É preciso permitir que essas vozes diferentes questionem nossas certezas, para que nós também possamos questioná-las, para que possamos pensar nessas nossas certezas de modo crítico. No entanto, para isso, para uma visão de fato crítica, parece-me forçoso admitir que não se pensa apenas de modo intelectual, mas também de modo sensível, ou seja, que a sensibilidade tem algo não apenas acrescentar ao pensamento, mas a produzi-lo por si mesma, em conjunto com o intelecto. Se a filosofia só pode pensar a realidade através do intelecto, isto é, apenas de um modo, ou bem ela produz um conhecimento apenas parcial sobre esse objeto (e aqui pode ser discutido se isso seria, de fato, conhecimento, uma vez que não conseguiria compreender seu objeto na sua totalidade, uma discussão presente já entre Kant e Hegel, por exemplo), ou sua metodologia precisa ser repensada – e, nesse último caso, que penso ser o melhor caminho, é a própria filosofia que precisa se repensar. É necessário, então, que se faça a pergunta: afinal, o que é filosofia?

---

<sup>22</sup> Janyne Sattler, *Op. Cit.*, 2018, p. 146.

## Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília, Editora da UnB, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. Literatura e Metafísica. In: BEAUVOIR, Simone de. *O Existencialismo e a sabedoria das nações*. Lisboa: Editorial Minotauro, s/d, p. 79-95.

CABRERA, Julio. *O Cinema Pensa: uma introdução à Filosofia através dos Filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CAMPELLO, Filipe. Axel Honneth e a virada afetiva na teoria crítica. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 22, n. especial, p. 104-126, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019.

DIAMOND, Cora. Anything but Argument? In: DIAMOND, Cora. *The Realistic Spirit. Wittgenstein, Philosophy and the Mind*. Cambridge, MIT Press, 1996, p. 291-308.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

MIRANDA, Marloren Lopes. *A respeito da escrevivência de mulheres negras e a relevância de atos supostamente sutis – uma perspectiva branca*. Publicado em 10 nov 2019. Disponível em <https://medium.com/@marloren/a-respeito-da-escreviv%C3%A2ncia-de-mulheres-negras-e-a-relev%C3%A2ncia-de-atos-supostamente-sutis-uma-6ea2ce92c41> . Acesso em 18 nov 2019.



RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. São Paulo: EXO experimental org., Editora 34, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

SATTLER, Janyne. Uma questão de forma: lições metodológicas com Martha, Cora e Christine. In: SCHMIDT, Ana Rieger; SECCO, Gisele Dalva; ZANUZZI, Inara. (ORGS). *Vozes Femininas na Filosofia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 143-169.

SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan contra os Filósofos. In: SCHMIDT, Ana Rieger; SECCO, Gisele Dalva; ZANUZZI, Inara. (ORGS). *Vozes Femininas na Filosofia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 15-36.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? *LETRAS: Revista do Mestrado em Letras da UFSM*, Santa Maria, n. 16, p. 183-196, jan/jun 1998.

**Referência para citação deste artigo**

MIRANDA, Marloren Lopes. *Escritas de Mulheres: uma investigação metodológica*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 1, p. 389 – 413, junho de 2020.